

A festa do pequi e o zunidor entre os índios Waurá

Vera Penteado Coelho

Resumo

Ao iniciar-se o período de chuvas no Alto-Xingú celebram-se as festas do pequi. Aqui elas são descritas na aldeia dos Waurá. Elas têm, em sua maioria, um caráter cômico: seus participantes brincam, sujam-se na lama, declaram em voz alta todos os casos extra-conjugais da aldeia. Estas festas ora colocam o grupo dos homens em oposição ao das mulheres, ora colocam-no em situação de colaboração e amizade através do oferecimento de comida. Os animais que são "donos" do pequi têm relação com a desordem, a sujeira, a licenciosidade e o escuro que caracterizam os meses chuvosos.

Introdução

Os índios Waurá de fala Aruak vivem no Alto Xingu a uns 20 Km do Posto Leonardo Villas Boas, em uma aldeia chamada Piulaga, próxima a um dos lagos do rio Batovi. Sua população é de cerca de 100 pessoas atualmente.

As observações que servem de base a este trabalho foram feitas no segundo semestre do ano de 1980.

Entre as muitas festas que tive oportunidade de assistir naquela ocasião, reveste-se de especial interesse a festa do pequi (*Cariocar sp.*) e, dentro do contexto dela, o uso do zunidor que, por seu conteúdo simbólico e sua importância etnológica, atraiu especialmente minha atenção.

Para poder entrar no assunto, entretanto, é necessário fazer alguns preâmbulos sobre o pequi e sobre os animais no sistema classificatório Waurá: o zunidor está intimamente ligado a esta fruta e, dentro da taxonomia Waurá, fica incluído em uma categoria especial junto aos animais.

Os Waurá têm sua subsistência baseada na agricultura e na pesca. Seu principal cultivo é a mandioca, mas plantam também milho, abóbora, amendoim, feijão e frutas como a banana, melancia, manga e pequi.

As roças de mandioca espalham-se em pequenas extensões em um largo perímetro em volta da aldeia. Elas são de propriedade de cada um dos homens adultos que delas tira o necessário para a alimentação de sua família. Todos devem ter suas roças de mandioca; somente um homem muito preguiçoso é que não tem roça, e dizer isso de alguém significa

insultá-lo de vagabundo. Devido à sua enorme importância na economia Waurá, vamos examinar um pouco os dados relativos ao pequi.

As plantações de pequi obedecem a uma distribuição diferente das de mandioca: não estão dispostas em roças de propriedade individual, mas concentram-se, na sua maioria, em um grande pequizal à entrada da aldeia. Um ou outro pé pode ser visto fora dessa concentração, embora haja poucos exemplos disso. Ao contrário do que acontece com as roças de mandioca, nas quais também se planta urucu e várias frutas, dentro do pequizal encontram-se poucas árvores de outras espécies, e estas são nativas, como por exemplo o tucum, de cujos côcos se fabricam vários ornamentos. Além disso, embora não haja nenhuma divisão interna do pequizal, cada pé de pequi tem seu proprietário individual. Quando eu caminhava por ali com um informante, este ia apontando as diferentes árvores e indicando: "esta é de fulano, esta é de sicrano", e assim por diante. Apesar disso, na época da colheita, os frutos dessas árvores podem ser colhidos por qualquer pessoa, tanto para consumo pessoal como para uso em cerimônias de caráter coletivo. No ano de minha permanência na Piulaga, foi processada e armazenada uma enorme quantidade de frutas, cujas castanhas iam ser oferecidas em nome da aldeia aos convidados de um *Kuarup* que iria ter lugar na estação das secas no ano seguinte.

A importância cerimonial do pequi é muito grande, especialmente na festa em honra aos mortos, ponto mais alto do calendário ritual alto-xingano (v. mais adiante as informações sobre os Kamayurá).

Embora não seja básico na subsistência alto-xinguana, o pequi é um alimento muito apreciado como complemento da dieta. Pode ser consumido cru, sozinho ou misturado ao mingau de mandioca ou então cozido, separando-se a polpa em pequenos pedaços ou reduzindo-a à forma pastosa, até obter-se um doce de sabor muito agradável. Sua castanha, além de ser servida em ocasiões festivas, como foi mencionado, é uma das iguarias mais finas da culinária indígena.

Para processar o pequi, as mulheres Waurá servem-se de pequenas conchas fluviais (*ulu* e *ulutain*), que não encontram substitutos em instrumentos de fabricação industrial. Aqui temos outra diferença em relação ao complexo da cultura material ligado à mandioca, onde raladores nativos de madeira foram substituídos por outros feitos de latas, e as conchas usadas para descascar foram trocadas

por tampas de latas de manteiga. Há um outro artefato usado no processamento do pequi e que é típico da cultura material Waurá: trata-se de uma pequena rede de formato arredondado, atada a um cabo de cerca de 180 cm de comprimento, usada para retirar os pequis cozidos das grandes panelas de barro. Seu nome é *Yekerre-kumá-ete-nain* (v. explicação e tradução mais abaixo).

Além da importância alimentar, o pequi tem ainda outra função, que se pode considerar estética: para poder empregar o urucu na pintura corporal e na decoração de objetos, é necessário o óleo do pequi, pois o urucu, conservado sob forma de uma bola dura e seca, deve ser umedecido em óleo para poder se fixar a qualquer superfície.

Os caroços secos do pequi são atados a um cordel e formam um instrumento de percussão de som muito bonito, que faz o acompanhamento rítmico das melodias executadas em uma flauta chamada em Waurá *kauká-atain*. (Para maiores informações sobre esses instrumentos, v. Coêlho, 1988).

Os Waurá conhecem 20 variedades de pequi cujos nomes são os seguintes:

1. Sakalustieperi
2. Kutunuma
3. Osichuti
4. Sakulo
5. Yulamalo
6. Muieperru
7. Kalupuku
8. Mutipaku
9. Kutapa

10. Yuvataki
11. Posukanumata
12. Veruya-puku (tinerru)
13. Kapalapaka
14. Meuerrenhá
15. Makukauaté
16. Mulukuha
17. Euerretari (euerreui = espinhos do pequi)
18. Kichutapa
19. Iksakulo
20. Ijamate (não se pode comer — "*nukapainhã*", ou seja, agride ou mata as pessoas. Em outras palavras, é venenoso).

Os Waurá têm sua fonte de proteínas baseada quase que exclusivamente na pesca. Apesar de haver caça abundante na região em que vivem, como veados, tatus, porcos do mato e antas, estes animais não são nunca mortos pelos índios, que não consideram sua carne adequada para o consumo humano. Os povos que comem estes alimentos, considerados como repugnantes pelos alto-xinguano, são tidos como bárbaros e ferozes; seu caráter irascível é visto como uma consequência direta dessa alimentação inadequada.

A classificação dos animais entre os Waurá está intimamente ligada a seus tabus alimentares.

Vejamos em grandes linhas como é esse sistema e qual o lugar que nele ocupam certos objetos de caráter mágico.

Peixes — (*kupate*) — considerados como os únicos animais dignos de serem comidos. Os Waurá também os denominam "comida de gente".



Lâmina 1: Confecção dos zunidores na casa dos homens.

Pássaros — (*kuperrate*) — animais que podem ser comidos em ocasiões especiais, como o período de reclusão após o parto. Alguns pássaros encontram-se entre os animais que os Waura mais gostam de domesticar, como por exemplo as araras e os periquitos. As penas de certas aves, especialmente as do japu, têm, segundo os índios, valor mágico e curativo.

Excluem-se das categorias os restantes animais, chamados *apapaatae*, considerados impróprios para o consumo humano. A essa categoria pertencem todos os mamíferos, as cobras, as tartarugas, os jacarés, e alguns insetos. Há uma exceção nesta categoria, que é o macaco, animal que também, a exemplo dos pássaros, pode ser consumido em períodos de reclusão ritual.

A categoria *apapaatae* é muito rica e inclui diversos outros seres além dos mamíferos:

1. Os duplos sobrenaturais dos animais acima mencionados, entidades sobrenaturais designadas sempre pelo sufixo — *kumá*, acrescentado ao nome do animal. Por exemplo: *yutá* = veado; *yutá-kumá* = duplo sobrenatural do veado. Estes seres habitam o fundo da lagoa próxima à aldeia Waurá. Não há, entretanto, uma relação de simetria perfeita entre os animais e seus duplos. Estes últimos são em maior número e compreendem seres que não pertencem ao reino animal. São eles:
2. O duplo sobrenatural do fogo (*Itsei-kumá* - *itse* = fogo) que, paradoxalmente do nosso ponto de vista, vive também em baixo da lagoa;
3. O duplo sobrenatural dos seres humanos (*nhão-kumá* - *nhão* = gente), tem o mesmo habitat que os demais "*apapaatae*";
4. O duplo sobrenatural da canoa (*itsá-kumalo* - *itsá* = canoa - *kumalo* = feminino de *kumá*);
5. Os seres sobrenaturais que vivem na floresta e que muitas vezes têm características híbridas, antroponomorfos. Seu número é muito grande e são representados por máscaras. Cito apenas alguns nomes, a título de exemplo: *Hetau*, *Euerekuichumá*, *Sapukuyawá*, *Jakuí*, *Kuãhãhalo*, *Atirruá*;
6. *Yamurikumá* — ser sobrenatural cuja personificação não é feita por máscaras e que é comemorado em uma grande festa pan-xinguana na qual se invertem os papéis masculino e feminino;
7. Objetos que têm poder sobrenatural, como a flauta chamada *Kauká-atain*, as flautas chamadas *Takwaras*, e os zunidores (*matapu*);
8. Alguns insetos como a borboleta *Atirruá* (identificação desconhecida), o *Kiririo* (*Grillotalpa sp.*) e as borboletas *Sphingidae*. A classificação dos insetos no sistema Waurá não está de todo clara em minhas notas de campo. Espero obter mais dados sobre ela em pesquisas futuras. Há insetos considerados comestíveis como os gafanhotos e as formigas saúva, estas muito apreciadas pelas mulheres que as recolhem quando vão à roça de mandioca e as saboreiam com beiju. O fato de alguns insetos serem considerados próprios para o consumo humano faria com que fossem excluídos da categoria *apapaatae*, à diferença dos que foram mencionados acima;
9. O barro usado na confecção da cerâmica (*Kamalú*), que é considerado elemento muito perigoso, capaz de causar doenças e até mesmo a morte das crianças pequenas, se seus pais trabalharem com ele. Também é proibido que as mulheres grávidas façam cerâmica, o que poderia causar a morte do bebê;
10. Personagens mitológicos como *Arakoni*, ser humano transformado em cobra sobrenatural, que vive sob as águas do Morená. Este personagem é diferente dos seres sobrenaturais que vivem na floresta, pois é um ser humano que, por ter cometido um incesto transformou-se em *apapaatae*, enquanto os "bichos" representados por máscaras nunca pertencem ao gênero humano.

O principal denominador comum entre os animais *apapaatae* é o de serem considerados como não-alimentos.

Há um outro ponto em comum entre eles: seu comportamento é irracional; eles podem manifestar sua ferocidade facilmente, e devido a ela atacar os seres humanos, roubando-lhes (comendo-lhes) a alma e causando assim doenças e morte.

Ao referir-se a eles, os Waurá usam sempre o qualificativo "bravo" — (*peietepei*) ou *nukapai-nhão* (agressivos ou perigosos para os seres humanos). Essa característica é a marca indesejável por excelência, o defeito mais notório do mundo da natureza como oposto ao mundo da cultura. É também um predicado para os índios selvagens (*muteiti*) ou seja, dos índios não xinguanos, ao quais se atribui características de ferocidade, como o canibalismo, e de barbárie, tais como a ingestão de alimentos inadequados e hábitos de higiene pouco recomendáveis.

Quando alguém adoecer, cabe ao pajé verificar qual *apapaatae* é o causador da moléstia. Para saber isso, ele fuma vários charutos, até entrar em transe, quando "vê" o responsável da doença, a família do doente organiza uma festa em que é oferecida uma grande quantidade de comida para o malfeitor. Este é representado pelos homens da aldeia, que usam disfarces, na maioria das vezes máscaras, características da forma do "bicho" específico em questão. A comida deve saciar a fome do "bicho" e, em consequência, apaziguá-lo, afastando-o do convívio dos seres humanos.

Entre os "bichos", há alguns que têm uma carga simbólica mais forte que outros: são os "donos" de determinados elementos.

Os duplos sobrenaturais dos animais são os donos da água (*waka-wekehe*).

O dono da mandioca (*ulei-wekehe*) é *Kukuhū*, uma larva de *Sphingidae*.

O dono do céu é *Ulubu*, às vezes identificado como urubú-rei e outras vezes como urubú mítico de duas cabeças, freqüentemente representado nos bancos de madeira.

O pequi tem vários donos (*akain-wekehe*), cujo simbolismo é bastante complexo. Eles são os seguintes: o Zunidor, o Morcego, a Raposa, o Tatu, o Grilo, a Minhoca, o órgão genital feminino, a Baitaca, e o Beija-flor.

Nestas festas desempenhou papel importantíssimo o jovem chefe dos Waurá, Yawalá. O chefe mais velho, Malakuyawá, por sentir-se muito idoso, tinha transmitido a Yawalá grande parte das funções cerimoniais que cabem ao exercício da chefia.

Vemos, através do desempenho de seu papel cerimonial, que o chefe Waurá tem, além dos encargos xamanísticos, uma tarefa política importantíssima: a de manter vivas as tradições, assegurando por meio delas a união dos habitantes da aldeia.

Vejamos primeiramente a descrição das festas de cada um dos donos do pequi seguindo as notas do caderno de campo em ordem cronológica, para depois tentar indagar sobre o seu significado simbólico.

5 de setembro — abertura das festas do ciclo do pequi — à tarde os homens se dirigiram juntos para fora da aldeia, para buscar dois troncos enormes que iriam servir de banco para a casa dos homens. Eram troncos pesadíssimos transportados ao ombro — tarefa realmente dura, mesmo considerando que são muitos e muito fortes os que a executam.

Chegando à aldeia, os troncos foram colocados diante da casa dos homens, onde se sentaram para o início da cerimônia.

Da casa de Yaacinto, um dos homens mais velhos da aldeia, trouxeram um balde de água e um pequi, e da casa de Malakuyawá foi trazido um escarificador.

Yawalá escarificou cada um dos homens, com duas grandes sarjaduras longitudinais no peito, pelas quais passou um pedaço de pequi.

Depois, chegou a vez dos meninos. Alguns se submeteram passivamente à operação, outros se rebelaram, choraram e tentaram fugir, perseguidos pelos mais velhos.

Depois disso, Yawalá foi fazer o circuito das casas, para passar o escarificador nas mulheres. As meninas pequenas não foram submetidas à operação.

Um dos meus informantes contou-me depois que muitos dos habitantes da aldeia (homens e mulheres) fugiram para o mato para escapar à essa operação tão desagradável.

Segundo o que me explicaram na ocasião, essa escarificação tem por motivo evitar que as pessoas tenham dor de barriga ao comer o pequi. Desta vez ela é feita, pois, como prevenção à doença e não com fins de fortificar as pessoas, como se usa habitualmente entre os Waurá, em especial para os homens e moços que lutam *huka-huka*.

No dia 12 de setembro de 1980 teve início a festa do zunidor. Em torno de duas horas da tarde, os homens reuniram-se na casa dos homens e começaram a se pintar com os motivos usados nas festas do *kwarup*.

As portas das casas foram fechadas e as últimas mulheres que ainda estavam no caminho da lagoa, entraram precipitadamente e visivelmente assustadas, temendo serem surpreendidas fora de casa, quando os zunidores comesçassem a entrar em ação.

Pedi permissão ao chefe e a seus filhos para poder permanecer na praça e tirar fotografias dos zunidores, o que me foi concedido sem problemas.



Lâmina 2: Na casa dos homens, dois meninos trabalham na confecção de seus zunidores de brinquedo. Ao fundo, vêem-se, pendurados a uma trave, os zunidores dos adultos.

A festa tem três "donos", Uitsapa, Kalutīwi e Yawalá, que oferecem cigarros a todos os homens presentes.

Os que iam girar os zunidores usavam além da pintura tradicional, ornamentos de palha de buriti, e enrolaram palha nos tornozelos.

Os primeiros a fazerem girar os zunidores foram Krauêre e Atamã, seguindo-se vários dos rapazes, incluindo um dos netos de Malakuyawá, Kupatenragá, que ainda muito jovem, demonstrou alguma imperícia, o que não foi censurado por ninguém, pois ele ainda está aprendendo.

Uma vez que todos giraram os zunidores, fez-se pausa para uma refeição consistente de beiju, peixe cozido e mingau de pequi. Parte dessa comida foi oferecida pelos donos da festa. Os homens se serviram no centro da praça e mandaram o restante da comida para suas respectivas casas, para mulheres e crianças.

Terminada a refeição, os homens dirigiram-se para as casas dos donos da festa cantando o canto do *Curí* (a baitaca).

Depois disso, serviram-se de uma dose extra de mingau de pequi e iniciaram a confecção dos zunidores em miniatura, visto que a festa iria continuar no dia seguinte.

Até depois de 9 horas da noite, os rapazes estiveram na praça cantando os cantos *Curí*, que foram se tornando cada vez mais indiscretos: anunciam os namorados de todas as mulheres, com maior ênfase para as casadas.

De vez em quando, alguém fazia soar um zunidor.

No dia seguinte, desde antes das 7 horas da manhã, já estava soando o zunidor.

Os homens estavam reunidos na casa dos homens, de onde saíram em conjunto para buscar madeira para a fabricação de novos zunidores. Na floresta, encontravam-se com dois dos homens que já tinham se adiantado ao grupo e derrubado uma grande árvore de nome *uauco* (identificação desconhecida) cuja madeira é própria para fazer zunidores.

Essa árvore tem também propriedades medicinais: raspando-se sua casca, obtém-se um pó que é recomendado para cicatrizar feridas.

Cada um dos participantes do grupo cortou um pedaço do tronco e partiu-o em quatro partes no sentido longitudinal. Levaram esses paus até o centro da aldeia e, dentro da casa dos homens, deram início à fabricação dos zunidores.

Os zunidores velhos foram trazidos das moradias de seus donos para a casa dos homens e pendurados a uma trave. Como sua pintura estava bastante desbotada, rasparam-nos com uma faca para refazê-la. Trabalharam cantando a música de *Curí*, mencionando os nomes e aventuras extra-conjugais das mulheres da aldeia. A atmosfera era de grande alegria e descontração.

Os rapazes e os meninos fabricaram zunidores de brinquedo, ou seja, miniaturas de zunidor junto com os demais de dimensões maiores.

Ao escurecer, depois que todos estavam recolhidos às suas casas, os rapazes giraram os zunidores

dentro e fora da aldeia até aproximadamente 10 horas da noite, hora bastante avançada para os padrões Waurá.

No dia 14 de setembro continuaram a ser celebradas as festas *Curí* (a Baitaca) e do *Matapu* (o zunidor).

À tarde, reunidos na casa dos homens, os homens se pintaram e se enfeitaram. Cantaram a música de *Curí* e ocasionalmente um deles girava um zunidor.

No final da tarde, saíram todos cantando para procurar pequi no pequizal próximo à aldeia. O produto dessa colheita foi levado para as diferentes casas, onde as mulheres iriam preparar a comida de *Matapu* que seria servida à toda a aldeia na festa do dia seguinte.

Na casa dos homens, os zunidores receberam o polimento final, faltando apenas a pintura para serem prontos. Esta foi aplicada no dia seguinte.

Até às 10 horas da noite ouviu-se o som dos *Matapu* e da música *Curí*.

Nessas ocasiões, em que não é realizada a cerimônia do zunidor na praça central da aldeia, os demais homens e rapazes tiveram o cuidado de girá-los fora da área habitada. Embora sejam perfeitamente audíveis das casas, eles são proibidos às mulheres, (conforme será visto mais adiante) e representam perigo às suas vidas.

No dia 15 de setembro, logo cedo, por volta de 6 da manhã, os homens saíram da aldeia para buscar mais pequi. Ao regressarem, entregaram o produto da colheita para algumas das mulheres da casa de Yawalá.

Na sua qualidade de *apapaatae*, o zunidor pode ameaçar a vida e/ou a saúde das pessoas, conforme acontece com os demais "bichos".

Depois, sempre cantando a música de *Curí*, foram para a casa dos homens para pintar os zunidores.

Aí contaram-me que o chefe dos zunidores é *Alapaga-kumá*. As traduções fornecidas por meus informantes não concordaram: para uns é o peixe-cachorra, para outros o peixe-bicuda.

Os zunidores podem ser machos ou fêmeas e há um zunidor que é de tamanho (menor que os demais) "vovô" (*aripe*); este, quando cantam em coro a música de *Curí*, destaca-se do conjunto, quando um cantor executa a melodia em tom muito mais agudo que os outros. A canção do zunidor "vovô" diz que ele é muito velho e que só quer comer pequi sem cozinhar.

Contam-me que o chefe dos zunidores não é bravo, mas que o pessoal (termo usado no português falado pelos xinguanos que designa todos aqueles que estão submetidos à autoridade de um chefe) é muito bravo.

É o pessoal que causa doenças que fazem as vítimas ficarem tremendo.

Nos zunidores estão representados os seguintes peixes:

Português	Waurá	Nome Científico
matrinchã	puija	<i>Brycon</i> sp.
piau	ualaco	<i>Leporinus</i> sp.
(?)	yuseinti	
turiva (?)	masiya	<i>Eigenmania Virescens</i>
peixe bicuda (?)	alapaga-kumá	<i>Acestrorhamphus</i> sp.
peixe cachorra (?)		
muçum (?)	tucupala	<i>Symbranchus marmoratus</i>
pacu	yutapá	<i>Milinae</i> sp.
(?)	atirre	
(?)	serrupe	
(?)	uapi	

Durante toda a manhã, os meninos brincaram com seus zunidores em miniatura (*mulu-mulu*), fazendo-os girar na praça, enquanto os homens pintavam as figuras de peixes nos *Matapu*.

Depois de uma pausa para o almoço, em torno de duas horas da tarde, os homens se reuniram de novo na casa dos homens para a festa.

A festa começa com a aplicação da pintura corporal que, à diferença da pintura usada nas demais festas desse ciclo, é muito limpa e muito bonita. São usados nela os motivos geométricos típicos das festas do ciclo do *Kuarup*, sendo que o mais frequente é *temepé-aná* (motivo da sucuri).

Os meninos também foram pintados, mas de acordo com o uso Waurá, eles não usaram motivos geométricos e sim uma camada uniforme de urucu por todo o corpo.

Tanto os homens como os meninos tinham sobre a cabeça uma espécie de máscara formada por tiras de buriti.

Começou a soprar uma forte ventania, ameaçando cair logo uma pancada de chuva. O chefe Malakuyawá fumou e rezou para afastar a chuva e para que a festa não tivesse que ser interrompida.

Com as portas das casas fechadas e as mulheres recolhidas em seus interiores começaram-se a girar os *matapu*. Os primeiros a fazê-lo foram dois dos filhos do chefe, logo seguidos pelos demais homens.

A chuva começou a cair.

Houve interrupção da festa para uma refeição composta de peixe cozido, beiju e mingau de pequi, oferecida pelos "donos" da festa do zunidor. A comida foi distribuída na casa dos homens. Depois, os donos da festa receberam de presente colares de miçangas e flechas, oferecidos pelos demais participantes.

A seguir, iniciou-se a parte da festa à qual têm acesso as mulheres e as meninas. Usando o uluri e exibindo a pintura especial dos dias festivos, elas se dirigiram em grupo para o centro da praça.

Os homens e os meninos permaneceram cantando na casa dos homens.

Teve início a corrida da qual participaram homens e mulheres: um dos meninos destacou-se do grupo e correu até o grupo das mulheres; aí uma das meninas aproximou-se dele e os dois juntos correram pela praça, depois do quê cada um retornou a seu grupo de origem.

Depois dessa corrida, os homens retiraram seus enfeites de buriti, o que foi feito entoando as músicas típicas de *Curí*.

Depois da corrida das crianças, chegou a vez de os homens adultos correrem com as mulheres. Cada um deles podia correr com uma ou duas mulheres. Quando esses pares acabaram de correr, voltando para seus grupos respectivos, houve uma corrida coletiva que encerrou essa parte da festa. Tanto as corridas dos adultos como as das crianças não são competitivas: nelas não há ganhadores nem perdedores; os que correm procuram fazê-lo na mesma velocidade.

Os homens ainda permaneceram um pouco na casa dos homens, conversando informalmente.

Aí entregaram-me de presente uma grande quantidade de zunidores; os meninos também me deram seus zunidores em miniatura. Caso eu não estivesse presente na aldeia, esses zunidores seriam jogados fora ou simplesmente abandonados quando a festa chegasse ao fim.

À noite, um dos velhos da aldeia anunciou a mudança de nomes de duas pessoas e o nome oficial de uma criança pequena.

No dia 19 de setembro foi realizada a festa do Morcego (*Alua*), que se iniciou logo de manhã.

Os rapazes pintaram o corpo todo de preto, usando uma mistura de óleo de pequi e carvão.

As mulheres foram chamadas para descascar uma grande quantidade de pequi que começou a ser trazido desde o dia anterior. Elas não estavam pintadas, mas como é parte da festividade que os homens as abracem, ficam todas borradas de preto. Elas protestaram fracamente, riram e brincaram, os homens pareciam se divertir bastante, e elas, mesmo sujas como estavam, continuaram a descascar pequi.

Os homens deixaram as mulheres entregues à sua tarefa e saíram para o pequizal. Aí reuniram ramos de uma folhagem do mato, que trouxeram arrastando para a aldeia; entraram dançando e cantando músicas do morcego. Alguns meninos também participaram da festa, liderados por Yawalá, que pôs na cabeça uma coroa de flores vermelhas.

O cortejo começou a fazer o circuito das casas da aldeia, iniciando pela casa do chefe Malakuyawá.

Yawalá sentou-se junto à porta, cantando e tocando um sininho, e os homens e rapazes subiram para o teto fazendo vários estragos na palha da cobertura, e finalmente penduraram ramos secos que ficaram balançando no interior da casa, à maneira de um enfeite que os Waurá consideram totalmente ridículo.

Na casa seguinte, os homens subiram no teto e um deles urinou lá de cima, provocando risos de todos.

Na outra casa, os homens encontraram várias espigas de milho que estavam a secar penduradas ao teto. Estas foram jogadas para baixo, a criançada apoderou-se delas e saiu correndo. Todos acharam isso muito engraçado, com exceção dos donos desse milho, que, entretanto, não tiveram outro remédio senão sorrir sem fazer nenhuma oposição à brincadeira.

Quando terminaram o circuito das casas, sempre dentro de uma atmosfera brincalhona e risonha, as mulheres já tinham terminado de descascar o pequi. Colocaram-no então para cozinhar em uma grande panela ao lado da casa dos homens.

Aí se dispersaram todos os participantes da brincadeira e retomaram suas atividades habituais.

Mais tarde, quando o mingau de pequi ficou pronto, parte dele foi servido aos homens no centro da praça e o restante enviado para todas as casas para ser consumido pelas mulheres e crianças.

No dia 25 de setembro de 1980 celebrou-se a festa do Raposo (*Awaulu*). Logo de manhã, alguns dos rapazes reuniram-se na casa dos homens e começaram a fazer a pintura corporal adequada para a ocasião, consistente em listas horizontais brancas e vermelhas de tabatinga e urucu por todo o corpo. Um dos moços pintou o corpo todo de preto. À diferença de outras festas xinguanas em que os meninos recebem apenas uma pintura vermelha de urucu, desta vez eles foram pintados com listas, para alguns espalhadas por todo o corpo, para outros apenas nos braços.

O grupo dos homens e meninos, depois de se pintarem, reuniu-se no pequizal situado à entrada da aldeia. Depois de cantar um pouco, acrescentaram-se mais uma indumentária própria da festa: cobriram o corpo todo com folhas. Assim paramentados, os homens adultos carregaram os meninos às costas e

entraram correndo na aldeia. Chegando ao centro da praça, agacharam-se e iniciaram os cantos. Depois disso carregaram de novo os meninos às costas e foram visitar toda a aldeia. Começaram o circuito pela casa do chefe Malakuyawá, onde primeiro cantaram de cócoras e depois comeram pequi.

Na casa seguinte, pegaram o pequi e descascaram-no batendo-o no chão, fazendo uma enorme sujeira. Ao sair, o chão da casa ficou imundo, coberto de cascas de fruta.

Na casa seguinte, a excitação chegou ao auge. As mulheres serviram o mingau de pequi e um dos homens, além de comê-lo, derrubou uma parte dele sobre o seu próprio corpo, fazendo uma imensa porcária e provocando grande hilaridade nos espectadores.

Por todas as casas onde passou, *Awaulu*, ou seja, os homens que o representam, deixaram uma marca de sujeira que as mulheres se encarregaram de apagar.

Uma vez terminado o circuito das casas, os homens voltaram para a praça onde tomaram (desta vez de maneira civilizada) mingau de pequi oferecido pelo chefe.

No dia 26 de setembro de 1980 foi feita a festa do Tatu (*Ukalu*). Há alguns dias, vinham-se juntando grandes quantidades de pequi na casa dos homens.

As mulheres foram chamadas para aí descascar todas essas frutas.



Lâmina 3: Meninos usando os ornamentos de palha típicos da festa do zunidor.



Lámina 4: O ponto culminante da festa do zunidor: uma corrida amistosa entre os homens e mulheres da aldeia.

Os rapazes, com o corpo todo pintado de preto, passaram as mãos nelas, que ficaram todas borradas e manchadas. Elas gritaram, brincaram e protestaram, mas todas essas atitudes não eram muito sérias: no fundo, elas se divertiam enormemente com essas informalidades e riam bastante, sempre continuando a descascar pequi.

Yawalá retirou-se do grupo e foi se pintar para dar início à festa. Dirigiu-se para fora da aldeia onde há vários dias vinham jogando fora as cascas de pequi. O monte formado por elas é grande e tem um cheiro insuportável: o pequi fresco já se caracteriza por um cheiro extremamente penetrante e enjoativo, mas o pequi podre e em quantidades enormes, é algo indescritível, sem contar com as moscas que esvoaçam em torno.

Pois bem, para pintar-se, Yawalá usou algumas das cascas desse monte, que esfregou generosamente por todo o corpo, incluindo o cabelo. Depois disso completou a pintura passando carvão pelo corpo.

Em seguida, Yawalá deu início à festa. Juntamente com os meninos pequenos, todos pintados de preto, foi buscar uma estaca e plantou-a bem à entrada da casa do chefe Malakuyawá. Amarrou uma corda comprida a esta estaca, e segurou-a pela extremidade, seguido por todos os meninos que assim se colocaram em fila cantando a música do Tatu. Iam se movendo sem largar a corda de um lado para outro, sempre cantando. Nesse ponto, houve uma intervenção do bando das meninas que lutaram com o último da fila até derrubá-lo. Os demais retomaram os cantos; as meninas foram atacando de novo sucessivamente, até derrubar todos os meninos.

A seguir, coube aos adultos divertir-se com a mesma brincadeira. Os homens seguravam a corda e as mulheres os atacaram, tudo em meio a muitas pilhérias e risadas. Todos ficaram imundos: as mulheres, que já tinham um pouco de pintura preta, passada acidentalmente enquanto descascavam pequi, ficaram ainda com a pintura dos homens, misturada com bastante terra, pois muitas vezes a luta acabava com os contendores arrastando-se pelo chão. A assistência parecia divertir-se enormemente com o espetáculo.

À medida que a brincadeira se animou, todos os participantes foram ficando cada vez mais sujos, o que fazia parte do jogo e tornava, do ponto de vista deles, a festa mais engraçada.

Derrubado o último homem da fila, a estaca foi levada para a casa da vizinha, onde as brincadeiras se repetiram. Isso foi feito em mais três casas da aldeia, mas não se chegou a completar todo o circuito: com muito entusiasmo no início, os participantes se sentiram cansados e resolveram dar a festa por encerrada.

É interessante observar que essas lutas não são disputadas seriamente: embora se defendam fracamente, os homens deixaram-se vencer pelas mulheres. O caso mais flagrante foi o de uma mulher que tinha caso extra-conjugal escandaloso demais para os padrões de comportamento aceitos entre os Waurá; isso lhe valeu uma surra do marido e pôs fim à relação. No decorrer da festa do Tatu, ela deu uma forte surra no ex-amante, à vista de todos e sem que ninguém tentasse intervir na disputa.

No dia 7 de outubro de 1980, teve lugar a festa do Grilo (*Kiririo*, *Gryllotolpa* sp.).

Logo de manhã, os rapazes e meninos dirigiram-se para o pequizal. Passaram pelo corpo uma camada uniforme de pequi, colocaram coroas de folhas na cabeça e prenderam folhas aos cintos. Alguns se cobriram com pedaços de plástico.

Para entrar na aldeia, dispuseram-se em dois círculos, um formado pelos homens adultos e outro pelos meninos, este último dirigido por um adulto. Pegaram dois troncos finos e flexíveis, vergados em forma circular, segurando-os com as mãos, e dançaram em torno deles, cantando a música do *Kiririo*. Foram assim até o centro da praça e depois começaram a fazer o círculo das casas.

A primeira a ser visitada foi a do chefe Malakuyawá. Aí foram recebidos por sua esposa e sua neta, que lhes atiraram suco de pequi pelo corpo inteiro. Ficaram todos imundos, com uma aparência altamente repulsiva.

Percorreram todas as casas, onde tiveram recepção semelhante por parte de todas as mulheres.

Uma vez terminado o circuito, dirigiram-se para a casa dos homens, onde tomaram uma refeição de mingau de pequi vinda da casa do chefe.

No dia 12 de outubro de 1980, foi feita a festa da minhoca (*Inheim*). À tarde caiu uma forte chuva, e o centro da aldeia ficou bastante enlameado.

A festa da minhoca começou no centro da praça, com a participação de muitos meninos e apenas três homens adultos.

Todos eles rolaram pelo chão enlameado da praça, sem se incomodar com a chuva. A minhoca, à diferença dos outros donos do pequi, não tem uma canção própria; os participantes da festa simplesmente repetiam *inheim, inheim* Ao dizer isso, iam fazendo o circuito das casas, começando pela do chefe.

Ali as mulheres jogaram-lhes água suja, a ponto de transformarem a parte central da casa num enorme lamaçal.

A sujeira da lama misturou-se em seus corpos com a das águas servidas, tornando tudo muito nojento.

A festa terminou quando o circuito das casas foi completado.

No dia 17 de outubro foi realizada a festa de *Mapulawá* — o órgão genital feminino, considerado também como um dos donos do pequi. Da mesma maneira que a festa do zunidor, ela não é uma celebração cômica na qual as pessoas se sujam e dizem coisas obscenas; trata-se muito mais de um congratamento entre homens e mulheres.

A festa foi feita à tarde, tendo seu início com todos os homens reunidos na casa dos homens. Dois deles se separaram do grupo e foram até o pequizal, de onde voltaram com folhas de pequi nas mãos, foram até uma das casas e trouxeram pelas mãos duas mulheres.

Do meio da praça, Yawalá fez um discurso pedindo comida. As mulheres voltaram e depositaram dois caldeirões cheios de mingau na casa dos homens.

Os homens se sucederam para pedir comida no centro da praça, no que foram atendidos por mulheres de cada uma das casas.

Por último, um dos homens dançou sozinho ao som da música do Raposo. O encerramento dessa festa cabe sempre a um velho, segundo me foi informado.

Em seguida os homens começaram a dançar em fila no meio da praça, de onde chamaram novamente as mulheres. Elas dançaram atrás deles na fila, fazendo duas vezes o circuito das casas.

Não pude assistir a parte final dessa festa, mas me contaram que ela termina com os habituais jogos de licenciosidade verbal entre os homens e mulheres.

Também não pude assistir à festa de *Kumesi* (o Beija-Flor) embora os Waurá tivessem me contado como ela é e mesmo feito desenhos dela para que eu a compreendesse (v. Coelho, 1986). Fabricam-se nessa ocasião pequenos artefatos ornitomorfos, e o caráter da festa não difere das demais.

Vistas as descrições dessas festas, podemos considerar que existem para elas dois caracteres inteiramente diferentes: um é o caráter jocoso, brincalhão, quando os participantes se sujam, sujam as casas, ou dizem coisas grosseiras uns aos outros, nas quais o antagonismo entre os sexos fica bem marcado (caso das festas do tatu, do morcego, da raposa e da minhoca); e outro que é o caráter sério, próprio da festa mais solene do zunidor (e parte da festa de Mapulawá) onde inexiste as brincadeiras licenciosas e onde há uma aproximação amigável entre os sexos através do oferecimento e consumo cerimonial de comida e de uma corrida não competitiva.

Seja de oposição ou de aproximação entre os homens e as mulheres, a participação destas nas festas do pequi é bem mais intensa do que em outras festividades alto-xinguanas como o *Kuarup* e a iniciação dos meninos, nas quais o papel feminino é o de simples espectadoras. Nas festas do pequi, as mulheres têm acesso à casa dos homens, o que normalmente lhes é proibido (fora dessa época aquela que transgredir o tabu de entrar aí pode ser morta ou violentada). Nas brincadeiras típicas dessas festividades, as mulheres assumem em relação aos homens um papel agressivo, quando, por exemplo, jogam em cima deles água suja ou mingau de pequi ou quando os vencem nas lutas da festa do tatu. Nessas brincadeiras, o papel dos homens tem aspectos um tanto passivos: se bem que são eles, na maioria das festividades, que tomam a iniciativa de provocar as mulheres, aceitam a revanche com sorrisos ou com protestos tímidos. Fica claro para o observador que eles deixam as mulheres passar para o ataque, pois se este fosse revidado a sério o resultado das lutas como as da festa do tatu seriam muito diferentes.

A festa do *Curí* (a Baitaca) escapa a esta regra: ela é feita exclusivamente por homens, e pode ser considerada como um tanto agressiva em relação às mulheres por revelar em público assuntos amorosos que, segundo as regras da sociedade Waurá, deveriam ser mantidos em segredo. Os homens que personificam *Curí* anunciam alto e bom som quais são os amantes de todas as habitantes da aldeia, sejam elas casadas ou solteiras. Elas não respondem nada a isso, ou, no máximo limitam-se a sorrir e a dizer em voz baixa para quem estiver mais perto que "Curí não sabe de nada" ou que "Curí está mentindo". Mas como os casos extra-conjugais na aldeia não passam de um segredo de Polichinelo, as circunstâncias ouvem estas informações com risadas divertidas, entretendo-se muito em ver verbalizadas ações que até então eram do conhecimento geral, embora não fossem expressas pública e abertamente.

Durante muito tempo cogitei em encontrar um denominador comum entre os donos do pequi, pois me parecia evidente que a escolha deles não poderia nunca ser arbitrária no universo do pensamento indígena. Cheguei a conclusões que ajudam a esclarecer o problema, embora não o resolvam de todo, pois o pequi e suas festas têm uma simbologia extremamente complexa, cujo estudo apenas se inicia de maneira tímida no presente trabalho.

O primeiro ponto a se considerar é que as frutas do pequi amadurecem no início da estação das chuvas e que a dicotomia entre as chuvas e a seca é fundamental para o calendário xinguanos. Na estação das secas há maior abundância de pesca e de comida e a festa mais importante e conhecida é o *Kuarup*.

É uma época de alegria caracterizada por intensa interação no plano das relações sociais e comerciais entre os alto-xinguanos. É então que se plantam as roças de mandioca de cada aldeia, o que é feito em sistema de trabalho coletivo e que, embora não seja formalmente uma festividade, é feito em clima de alegria, camaradagem e cooperação mútua.

Na estação das chuvas, há uma reviravolta drástica na vida indígena: não se podem realizar as grandes festividades, a pesca se torna muito mais difícil com a subida dos rios, e a mandioca consumida é aquela que foi armazenada na estação precedente. Diminuem os contatos entre as diferentes tribos e os trabalhos coletivos no âmbito da aldeia. O céu fica permanentemente cinzento, nublado, e os dias vão se tornando muito escuros.

É justamente nesse último ponto que é possível encontrar uma das chaves simbólicas para os donos do pequi. Vários deles são animais que têm relação com coisas escuras: o morcego é um animal que tem sua vida ativa durante a noite, o tatu tem seu habitat debaixo da terra, ou seja, no escuro, a raposa é um animal noturno e, além disso, o mito conta que perdeu a posse do fogo do qual era a dona originária; a minhoca vive embaixo da terra e o grilo além de viver embaixo da terra também é um inseto que tem hábitos noturnos. (v. mais adiante pormenores sobre o simbolismo de cada um desses animais).

Portanto, a primeira analogia a ser encontrada entre os donos do pequi é que eles estão associados à noite e à escuridão, pois a época de colheita do pequi é a estação das chuvas, mais escura e menos enso-

larada, na qual as pessoas passam muito mais tempo no interior de suas habitações, aliás muito pouco iluminadas (as casas xinguanas não têm janelas).

Mas isto não explica tudo: outros donos do pequi, como a baitaca e o beija-flor, são animais de hábitos diversos.

Começemos por considerar alguma coisa relacionada com a simbologia do beija-flor. Trata-se de uma figura de pássaro um tanto ambígua, se considerarmos suas características dentro do mundo das aves. Ele é um pássaro que não canta, à diferença dos demais. Mas, mesmo não tendo canto, tem um som característico que é o zumbido de suas asas, o que o faz semelhante aos insetos (abelhas, besouros, ou mosquitos, por exemplo). Seu tamanho pequeno e seu vôo específico nos fazem pensar mais em um inseto do que em um pássaro. Outra de suas características que o diferencia dos demais pássaros é que ele continua suas atividades de recolher seu alimento, mesmo embaixo da chuva, enquanto que outros pássaros se recolhem para não ficarem molhados.

Ora, o pequi é consumido no Alto Xingu justamente no início da estação das chuvas, época de transição tanto no clima quanto no comportamento das pessoas. E nisso reside o parentesco simbólico entre a fruta e um de seus donos simbólicos: a ambigüidade do pequi que aparece na época em que a estação chuvosa ainda não se afirmou totalmente.

O órgão genital feminino (*mapulawá*) é outro dos donos do pequi que merece consideração.

O que primeiramente nos chama a atenção é que no mito, o pequi se origina do corpo do jacaré macho. Além disso, o nome do pequi na linguagem corrente em Waurá é *Akain*, mas em linguagem familiar e jocosa ele é designado como "pênis de jacaré" (*Yekerre-kumá-ête*). Por isso o instrumento usado para pegar o pequi de dentro da panela é chamado *Yekerre-kumá-ête-nain* — ou seja, invólucro do pênis de *Yekerre-kumá*.

Essa contradição simbólica (o pequi é masculino e um de seus donos é feminino), dificulta minhas tentativas de esclarecimento do sistema analógico indígena. A ligação entre o órgão genital feminino e o fruto do pequi pode ser encontrada no domínio do olfato. O pequi, como já foi mencionado no início desse trabalho, é um fruto de cheiro muito forte, característico, penetrante e muito duradouro. E, conforme os cantos e brincadeiras dos Waurá nas festas em que são de praxe os ditos e versos bastante licenciosos, essas características são também do órgão genital feminino.

Podemos levar ainda mais longe essas considerações no que diz respeito a cheiros. Embora o jacaré não seja o dono do pequi, foi ele quem originou a primeira árvore de pequi, conforme foi relatado. Ora, o jacaré é um animal de cheiro forte e característico. Conforme informações de colegas meus que trabalharam na Amazonia, as pessoas que comem carne de jacaré por certo período de tempo, acabam por adquirir na pele um odor peculiar e penetrante que não se consegue eliminar com banhos, sabonetes, desodorantes ou quaisquer outros cosméticos. Fui informada também que o jacaré macho exala um odor muito forte e característico na hora de copular.

Esta especificidade do cheiro do pequi fornece ainda uma explicação adicional para o fato de a raposa ser dona do pequi: como animal carnívoro ela tem também um cheiro forte e peculiar.

Pode se encontrar ainda outra analogia entre o pequi e o jacaré: ambos têm o exterior rugoso; a pele do jacaré é áspera como o tronco rugoso do pequi.

Uma das razões do morcego ser dono do pequi é o fato de ser ele um animal noturno (o pequi está ligado à estação escura) e também por ele dormir de cabeça para baixo — esta inversão simboliza claramente a inversão de costumes que existe no Alto Xingu na passagem da estação seca para a estação chuvosa.

Não quero dar a impressão de que vejo nos mitos a justificativa das cerimônias e dos costumes indígenas. Eles não explicam tudo, é verdade, mas ajudam a compreender o conteúdo simbólico dos animais ligados ao ciclo do pequi.

Há, pois, um mito que, se não explica totalmente o comportamento dos homens que representam o morcego, ajuda a entender porque ele tem na festa que lhe é própria um comportamento tão inconveniente e licencioso. Trata-se da história de um morcego que convidou sua sogra para uma pescaria, acabou tendo relações sexuais com ela durante a noite e por fim a matou, indo em seguida a uma festa, ornamentado com o órgão genital de sua vítima (v. mito em apêndice).

A licenciosidade do morcego reside primeiramente em convidar a própria sogra e depois ter relações com ela: entre os Waurá é muito respeitado o tabu de evitar parentes afins. Além disso, o mito conta que os órgãos sexuais da sogra do morcego eram excepcionalmente grandes, e ele sentiu-se atraído por esta anomalia, o que indica seu caráter perverso patente nessa preferência e no fato de ele assassiná-la, apoderando-se de sua genitália.

O morcego pode ainda ser considerado como um animal impuro pelo fato de ser difícil incluí-lo num esquema classificatório. Ataíai, meu principal informante, hesitou antes de dar-me uma classificação definitiva do morcego no sistema Waurá. O morcego é um *apapaatae*, disse finalmente, mas não é como os outros, ele não é comestível, ele voa como passarinho, mas ele não é passarinho. Além disso, poderia eu acrescentar, ele é um mamífero e tem o paradoxo de voar. Podemos dizer, sintetizando as idéias de Sperber, que animais difíceis de pensar do ponto de vista classificatório são “bons para pensar mitologicamente”. E desse ponto de vista o morcego é excelente, tanto mitologicamente, como no rico papel simbólico que ele tem nas festas do pequi.

Nada melhor do que esse animal, portanto, para simbolizar a licenciosidade verbal que domina as festas do pequi e a indeterminação da passagem de estações no Alto Xingu.



Lâmina 5: Com os ornamentos de folha e pintura típicos da festa do Raposo, os jovens se dirigem para a aldeia. Para acentuar o caráter selvagem do Raposo, fazem caretas e ameaças para a câmera.



Lâmina 6: Parte das comemorações da festa do raposa: dentro da aldeia, os homens vão de casa em casa carregando os meninos às costas.

Além de ter um odor forte e peculiar, a raposa é um animal associado à noite e à escuridão: ela é a primitiva dona do fogo na mitologia Waurá e é dela que o fogo é roubado para ser dado aos homens. Por analogia, ela também é a primitiva dona da pimenta, pois a pimenta arde muito, queima tanto quanto o fogo, conforme dizem os Waurá.

Por ser dona do fogo, a raposa está ligada ao escuro e daí a analogia que deve ter levado o pensamento indígena e associá-la ao pequi, visto que este dá seus frutos numa época onde o sol aparece pouco, nos meses chuvosos.

Pode se encontrar na mitologia uma explicação para as duas peculiaridades da festa da raposa: a maciça participação dos meninos pequenos da aldeia e o fato de os homens os carregarem às costas na parte principal dessa festividade. Um dos mitos importantes entre os Waurá é o que relata a história do bebê chorão: uma criança chorava tanto que sua mãe, cansada, abandonou-a no mato, onde ela foi recolhida e criada por uma raposa até chegar a idade adulta.

No ciclo do pequi, a festa da raposa evoca o papel preponderante que esse animal teve na passagem do bebê para o estado de homem, quando este chega a se casar e ter um filho. Daí o fato de que os meninos são cobertos de folhas (o que evoca a vida da criança mitológica no mato) e também o de serem pintados com listas no corpo à semelhança dos homens adultos, padrão de pintura corporal que ocorre unicamente nessa festa. (v. mitos do roubo do fogo, da pimenta e do bebê chorão em apêndice).

A revanche das mulheres aos ataques verbais de *Curí* aparece em outra festa celebrada nessa época em todo o Alto Xingu: trata-se de *Yamurikumá*. Embora não pertença ao ciclo de festividades do pequi que são objeto desse trabalho, *Yamurikumá* merece algumas considerações mais pormenorizadas. Esta festa pode ser comemorada de duas formas, com data certa e com a participação de convidados de várias aldeias ou de maneira menos formal, no âmbito de uma só aldeia. No primeiro caso, as celebrações seguem os modelos *Kuarup* e da iniciação dos meninos: embaixadores cerimoniais são enviados para fazer os convites às aldeias de fora, e o ponto culminante da festa é a luta de *huka-huka* entre as mulheres de tribos diferentes. *Yamurikumá* é em sua essência uma inversão de papéis sexuais: as mulheres ocupam o centro da praça para executar as lutas que em outras ocasiões festivas são privilégio exclusivamente masculino. É então que elas têm o direito a usar os diademas de penas de japu, outro privilégio dos homens. A inversão dos papéis sexuais atinge também a esfera do trabalho na celebração de *Yamurikumá*: as mulheres deitam-se na rede, enquanto os homens vão buscar água, cozinham e cuidam das crianças, tudo em meio a brincadeiras gerais. E é nessa celebração que as mulheres se reúnem em grupos à noite ou à tardinha e de braços dados vão à praça central ou à casa dos homens onde cantam as canções de *Aiussi* (a Rã),



Lâmina 7: Parte das comemorações da festa do Tatu: uma luta entre homens e mulheres, na qual estas saem vencedoras.

que falam das aventuras extra-conjugais de todos os homens da aldeia.

É justamente aí que *Yamurikumá* representa uma antítese da festa de *Curí*: as mulheres queixam-se abertamente, cantando em praça pública, do pouco interesse que os homens devotam a elas; zombam das namoradas que os rapazes solteiros têm em outras aldeias, admoestando-os por não fazerem caso delas.

Em certas ocasiões, grupos de mulheres organizam ataques aos homens, batem neles e destroem seus enfeites corporais, sem que eles possam protestar ou reagir.

Nem mesmo os embaixadores cerimoniais de outras aldeias (*pareat* ou *yaká*) escapam a esse tratamento; enquanto se sentam no centro da praça esperando a hora de fazer seu convite, as mulheres os atacam a tapas. Presenciei em 1978 quando os *pareat* Kuikuro foram convidar os Waurá para um *Kuarup*: antes que os homens os recebessem, grupos de mulheres atacaram-nos a tapas, sem que eles esboçassem a menor reação; o ataque era parte da festa.

Resumindo, podemos dizer que o caráter licencioso, sujo e brincalhão das festas dos donos do pequi simboliza o encerramento do ciclo das festas solenes da estação das secas, mostrando uma relação ora de oposição, ora de aproximação entre homens e mulheres e representando ainda o papel dos animais impuros associados à planta do pequi.

Essas festas são comemoradas por todas as tribos do Alto Xingu, sendo que conhecemos descrições

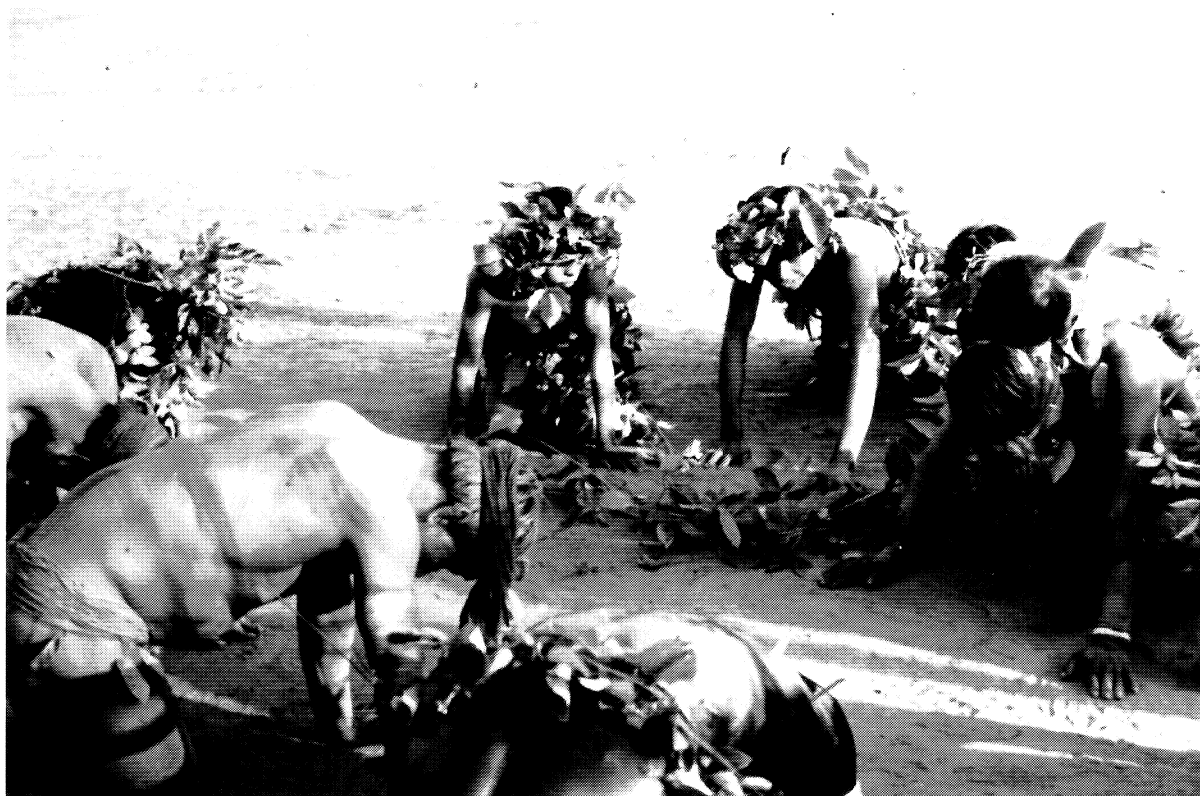
delas entre os Kamayurá e os Mehináku feitas, respectivamente, por Pedro Agostinho da Silva e por Thomas Gregor.

Em seu livro sobre o *Kuarup* — um clássico da antropologia brasileira — Pedro Agostinho descreve brevemente as festas do pequi entre os Kamayurá, concentrando-se na importância simbólica que o pequi adquire no ritual funerário do Alto Xingu.

Nessas festas, Pedro Agostinho ressalta sobretudo uma oposição entre o grupo dos homens e o das mulheres. À semelhança dos Waurá, os Kamayurá têm relacionadas com o pequi as seguintes comemorações: a do morcego, do *arukaka* (animal não identificado), do tamanduá e da minhoca (Agostinho, 1974: 67-69).

Na versão Kamayurá do mito do pequi, há uma menção direta à importância do cheiro do jacaré e do pequi. Originalmente, o pequi era inodoro e adquiriu seu cheiro por artes de *Morenayat*, — o dono do Morená; esse odor foi obtido passando os frutos pelos órgãos sexuais das mulheres (Agostinho, 1974: 105). Embora eu não tenha recolhido o mesmo mito entre os Waurá, essa história ajuda a compreender porque o órgão genital feminino é entre os Waurá e entre os Mehináku um dos donos do pequi.

No ritual do *Kuarup* ainda se destaca a enorme importância simbólica da fruta: uma parte imprescindível da cerimônia funerária alto-xinguaná é a



Lâmina 8: Como parte das comemorações da festa do Grilo (Kiririo) os homens dançam dispostos em círculo no pátio central da aldeia.

oferta da castanha de pequi aos chefes das aldeias convidadas por parte de uma moça reclusa da aldeia anfitriã. Ao aceitar a oferta, os chefes, ajudados por seus *camará* trocam as jarreteiras da moça. Isso simboliza que as aldeias convidadas e a aldeia anfitriã estreitam seus laços de amizade por meio da troca de mulheres, pois tirar as ligas significa estar elegendo a moça como esposa em potencial. (Para maiores detalhes v. Agostinho 1974: 104-106).

Entre os Mehináku, as festas do pequi foram descritas por Thomas Gregor no livro *Anxious Pleasures*, que trata da vida sexual daquela tribo. Para os Mehináku os donos do pequi são o Zunidor, o Tamanduá, o Grilo, a Abelha, o Escorpião, *Alukaka* (animal identificado por alguns como um pássaro, por outros como um peixe, por outros como um espírito de cobra) e *Mapalawaja* (o órgão genital feminino). (Gregor, 1985: 119-130).

As descrições que Gregor faz dessas festas são semelhantes às que vimos entre os Waurá, embora entre os Mehináku Gregor dê muito maior ênfase ao antagonismo, ou à animosidade existente entre o grupo dos homens e o grupo das mulheres, sendo que estas estão sempre exercendo um papel submisso em relação aos homens.

Observei entre os Waurá que nessas festas os dois grupos são rivais, especialmente quando há lutas corporais ou duelos verbais, mas não noto entre os Waurá que as mulheres sejam tão subjugadas pelos

homens: na festa do Tatu, por exemplo, elas ganham nas lutas e nas festa da Minhoca, são elas que desempenham o papel agressivo jogando água suja nos homens. E se pensarmos que a festa do *Yamurikumá* pode ser feita na mesma época que a festa do pequi, veremos que há nela uma ocasião de revanche para as mulheres em relação às da festa de *Curí*, pois nessa ocasião elas proclamam as aventuras e infidelidades de todos os homens da aldeia no meio da praça para serem ouvidas por todos.

Quanto aos animais donos do pequi entre os Mehináku, cabe a mesma observação feita para os Kamayurá; embora não sejam exatamente os mesmos que entre os Waurá, eles estão de certa maneira ligados ao mundo subterrâneo: o tamanduá busca seu alimento dentro do formigueiro, embaixo da terra; o escorpião tem seu habitat em lugares escuros, o grilo é um animal noturno.

Entre os donos do pequi, o zunidor é o que parece ter maior importância simbólica e por isso vou dedicar a ele algumas observações especiais.

A definição mais recente do zunidor é dada por Elizabeth Travassos na *Suma Etnológica Brasileira*, volume 3, p.187:

«Zunidor — peça de madeira, achatada, alongada, amarrada à extremidade de uma corda que, por sua vez, é fixada, algumas vezes, a uma vara. O executante gira o zunidor sobre sua cabeça e o movimento de rotação da peça sobre o seu próprio eixo faz vibrar o artefato e quanto mais rápido o movimento, mais agudo é o zunidor.»

O zunidor tem ampla distribuição entre os povos primitivos de todo o mundo. Schaeffner estudou problemas relativos a sua origem; Haddon, Zerries, Izikowitz estudaram sua dispersão, sendo que Zerries e Izikowitz concentraram seus estudos em povos da América.

O Dr. Desidério Aytai estudou suas propriedades físicas e acústicas, usando para isso instrumentos pertencentes à coleção do Museu Paulista e instrumentos de sua própria fabricação (Aytai, 1989).

A respeito da causa do som do zunidor ser "misterioso e ameaçador" (e, diria eu, tão desagradável), Aytai recorre à explicação pelo "efeito Doppler":

"quando uma fonte de som se aproxima do ouvinte, a frequência do som ouvido aumenta soando mais alto — agudo — e quando a fonte se afasta, ele se torna mais baixo — grave. Isso causará — especialmente com zunidores movimentados com varas e cordas compridas — uma flutuação da altura dos zunidos (...). Mesmo se essa flutuação permanecer só no inconsciente do ouvinte, ele terá a impressão de que o som se origina sem ser vivo, misterioso, e não vem de um artefato baseado na mecânica das rotações." (Aytai, 1989-60).

Essas interessantes experiências mostram então que as crenças mágicas que relacionam o zunidor a seres vivos e extremamente perigosos não se baseia apenas em sensações subjetivas e nem à tradição indígena que vê nesses instrumentos seres vivos,

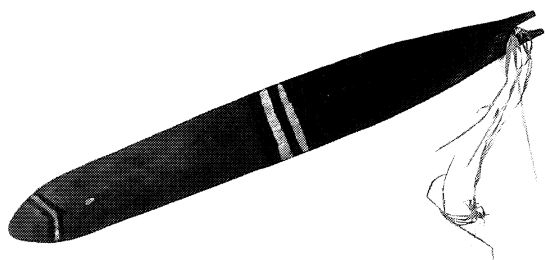
real ou potencialmente malfazejos: são as leis da física que explicam que o som do zunidor está situado nas antípodas dos sons musicais agradáveis.

Na segunda parte de seu trabalho sobre o zunidor, Aytai procura esclarecer os principais aspectos teóricos de seu funcionamento, "que se revelaram mais complexos do que a forma do instrumento sugere" (Aytai, 1989-6).

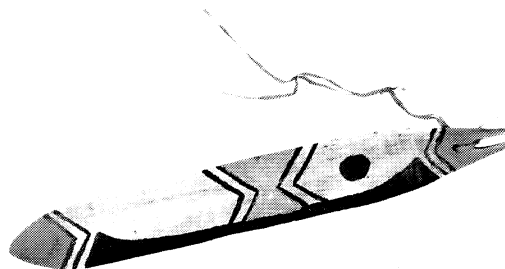
A respeito da corda e da vara são muito interessantes as seguintes observações:

"Notamos em nossas experiências com zunidores movidos com varas flexíveis e cordas longas que, não havendo equilíbrio entre as dimensões da tabuinha e a corda, ou o material dessa última não correspondendo às exigências oriundas das dimensões, a corda pode não possuir suficientemente força para frear a tábua em rotação que, desta maneira, não pára de zumbir e ao enrolar-se irregularmente, ela diminui de comprimento e no fim interfere no processo de funcionamento do aparelho." (Aytai, 1989b; 85-6).

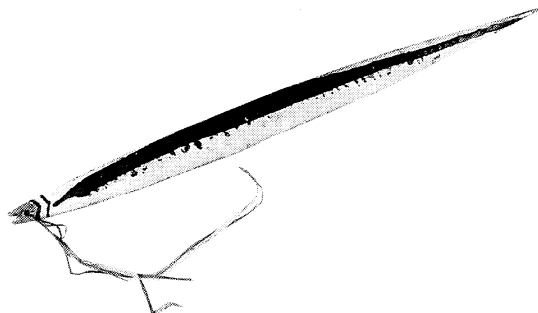
A partir dessa experiência, vê-se que uma vez dado o impulso inicial para girar o zunidor, a força deste impulso dura, fazendo-o girar sem que a pessoa que o gira tenha que empregar sua força. Esta ilusão de que o zunidor gira por força própria, certamente contribuiu para alimentar as crenças ligadas à força mágica de que é possuidor.



Lâmina 9: Zunidor com representação de peixe bicuda. Este peixe é considerado "chefe dos zunidores". Denominação em Waurá: "alapaga-kumá".



Lâmina 10: Zunidor com representação de matrinhã.



Lâmina 11: Zunidor com representação de peixe "tucupala". (nome em Waurá - identificação desconhecida).



Lâmina 12: Zunidor com representação do peixe Masiya. (nome em Waurá - identificação desconhecida).

Concluindo seu trabalho, Aytai assinala o parentesco do zunidor com toda a "família" de artefatos giratórios do mundo primitivo: o ioiô, o fuso de fiar, o disco zunidor e o boomerang (Aytai, 1989b: 87).

Posso acrescentar a essa conclusão algumas observações sobre minhas experiências com os Waurá: dessa família de artefatos giratórios, eles só têm o zunidor e o fuso de fiar. O zunidor tem fortes conotações mágicas, conforme procuramos demonstrar neste trabalho, e nisso não diferem de todos os outros grupos primitivos. Mais desconcertante é o caso do fuso: embora não seja impregnado de tanto ritualismo como o zunidor, ele é usado como parte do enxoval funerário nos enterros Waurá. Quando morre uma mulher dessa tribo, ela é enterrada com seu fuso, porque ele a defenderá dos ataques dos pássaros mágicos que atacam a alma em seu percurso em direção à aldeia dos mortos. Durante muito tempo, refleti sobre o emprego do fuso como arma de defesa: sendo ele próprio pequeno e frágil, é claro que seu uso aqui é simbólico (os homens Waurá, quando morrem, são enterrados com suas flechas para se defenderem desses mesmos pássaros). Ora, a semelhança entre o zunidor e o fuso reside no fato de ambos serem giratórios e produzirem um zumbido característico. Fica claro que a analogia entre o fuso e o zunidor faz com que o primeiro seja considerado portador de virtudes mágicas e que esta característica se concentra em seu simbolismo, e não em suas características físicas.

A maioria dos estudiosos que fez observações sobre os zunidores na América do Sul diz que ele é usado como brinquedo infantil, assinalando que isso ocorre quando as crenças mágicas com ele relacionadas estão em decadência.

Em um caso raro entre os Chocó da Colômbia, Wassén encontrou que os zunidores eram principalmente de crianças, embora não excluísse seu significado mágico: "um índio que por uma ou outra razão tivesse que passar uma noite na floresta, carregaria consigo um zunidor, pintado de urucu, a fim de afastar os maus espíritos" (Wassén, 1988: 40-41-fig. 12 D).

Schultz, em "Lendas Waurá", reproduz três relatos de grande interesse sobre as festas do pequi, transcritos exatamente nos termos que lhe ditou seu informante indígena. Dois deles se referem à festa do zunidor (*Matapu*), e o terceiro à festa do beija-flor (*Mestiumá* — lenda número 22 — deve ser entendido como *Kumesi-chumá* - *Kumesi* = beija-flor). Devido ao fato de que na época em que Schultz estava na aldeia Waurá poucas pessoas falavam português, ele não pode conseguir a tradução do nome da festa, mas pela descrição é fácil concluir de que se trata da festa do beija-flor.

A respeito dos *Matapu* há algumas observações a serem feitas sobre a coincidência entre os dados de Schultz e os meus: os zunidores são mencionados como causadores de doenças nos seres humanos; há um chefe dos zunidores, há macho e fêmea dos peixes representados nos zunidores, os quais são reproduzidos na pintura que os ornamenta por cores diferentes ("Então capitão de *Matapu*, *Japayakumá*, prá cabeça é vermelho. Lá no rabo dele, preto. Então mulher dele, cabeça é branco, no rabo preto")

(Schultz, 1964: 62); e finalmente há um *Matapu* "vovô" cujo som se distingue dos demais.

Segundo o informante de Schultz, os peixes representados nos zunidores são os seguintes: "matrinchá, picota, peixe-cachorro, Cuiú-caiu -, qual-quer peixe (sic), La-Pipirá, Acari, Cará" (Schultz, 1964: 62). Além desses figuram ainda o Tucupala — cuja tradução Schultz não obteve, embora seu informante explicasse que é um peixe semelhante ao poraquê e os "chefes" dos zunidores, o peixe-cachorra *Acestrophycus sp.*, em Waurá *Lapayakumá*, transcrito por mim como Alapaga-kumá e *Uapi* — também traduzido por Schultz como peixe-cachorra.

O informante de Schultz foi também mais explícito que os meus nas descrições dessas festas. Embora eu pedisse a eles que me contassem de antemão como seriam realizadas as festividades que mencionavam como típicas do ciclo do pequi, as respostas que obtinha eram em geral breves, sempre concluindo com "é melhor você esperar para ver; quando a gente fizer estas festas, aí você vê". No entanto, foram muito precisos nos desenhos do pequi, como das festas do zunidor e do beija-flor. (v. Coelho, 1985: lâminas 29, 30, 31 e 32).

Já foi mencionado acima quais os peixes representados nos zunidores Waurá.

Na coleção que reuni em duas temporadas de campo, o que aparece com mais freqüência é a matrinxã (*puija*), que é representada sete vezes em um total de treze zunidores decorados.

As cores empregadas na decoração dessas peças são as usadas tradicionalmente na arte em madeira dos Waurá: branco, preto e vermelho. Em 1980, alguns índios usaram também o amarelo de fabricação industrial que eu tinha trazido para ser usado nos desenhos, e preferiram usar o vermelho destinado aos desenhos (acrílico) em lugar do urucu tradicional. Estas inovações não devem ter durado muito, e não foram encorajadas por artistas mais velhos e experientes. Um dos jovens estava pintando um zunidor com listas pretas e amarelas tencionando representar um peixe piaui; ao vê-lo, o chefe observou ironicamente que aquilo não parecia peixe e sim um xexéu (passarinho preto e amarelo). Todos os presentes riram muito da observação, e o jovem achou melhor seguir os padrões tradicionais em suas obras seguintes.

O branco usado para colorir os zunidores é de origem mineral e de consistência muito porosa. Por isso, além de seu emprego como colorante, é muito usado pelas mulheres para passá-lo nos dedos quando fiam o algodão; dessa maneira o fio desliza melhor e mais rapidamente.

O preto empregado na decoração dos zunidores é de origem vegetal (não foi possível identificar a planta).

Ainda não considero possível fazer um estudo sobre a iconografia dos zunidores, pois a mostra que recebi é pequena, e para isso seria necessário obter vários exemplares de cada peixe.

Entretanto, é possível fazer algumas observações a esse respeito.

A *masiya* é um peixe preto que, quando pescado e colocado no fundo da canoa, não pula como os demais peixes, mas explicam os informantes que ela é considerada a causadora de febres e de malária: ela treme como se estivesse doente e por isso faz com que as pessoas fiquem doentes como ela. O único zunidor que recolhi com a representação desse peixe é todo de cor preta.

O zunidor "vovô" recebeu uma pintura em três grandes faixas nas cores vermelha e preta e não representa nenhum peixe em especial.

O *tucupala* (peixe não identificado) é serpentina, parecido com um peixe elétrico. É um alimento muito apreciado pelos Waurá que consideram seu paladar como excepcionalmente delicado. É representado como uma lista preta com pequenos traços laterais. O zunidor que serve de suporte à representação desse peixe é muito mais estreito que os demais (v. lám. 11). Por ser um peixe serpentina, o *tucupala* pode ser facilmente confundido com uma cobra (von den Steinen, 1940: 377). Os Waurá afirmam, entretanto, que nenhum outro bicho que não seja peixe pode aparecer nos zunidores.

Até aqui, vimos que há uma relação, embora não muito clara para nós, entre a figura pintada no zunidor e o peixe que ela representa.

Isto não se aplica, entretanto, às figuras da *matrin-chã*, peixe bicuda e "nhuinsi" (peixe não identificado). Esses peixes são representados por linhas formando ângulos e círculos, que não mostravam ter qualquer relação iconográfica com os peixes que representam.

O problema foi solucionado pelo Dr. Mark Münzel do Museu Etnológico de Frankfurt (Münzel, 1988, comunicação pessoal). O Dr. Münzel observou que em repouso, as figuras parecem não ter nenhum significado. Mas girando-as, elas formam as figuras ictiomorfas típicas dos zunidores.

A experiência de girar os zunidores foi feita também pelo Dr. Desidero Aytai do Museu Municipal de Monte Mor. Adaptando os zunidores a uma furadeira elétrica, ele os fez girar, conseguindo assim ver as figuras de peixes que os informantes dizem ver nesses instrumentos (Aytai, 1989, comunicação pessoal)).

Isso mostra que estamos diante de uma iconografia extremamente sofisticada. O princípio que a orienta tem alguma semelhança com o princípio do desenho animado. Mas neste, é a série de figuras em movimento que dá origem a uma imagem, ao passo que nos zunidores é apenas uma imagem, que, movimentada em grande velocidade, dá origem à figura.

Na coleção de zunidores que reuni em 1980, dez deles eram decorados dessa forma.

O peixe bicuda (*alapaga-kumá*) aparece apenas duas vezes, apesar de ser considerado o "chefe" dos zunidores.

Ignoro qual seja o significado simbólico desses peixes e por que razão eles aparecem nos zunidores. Creio que deve haver algum motivo ligado à classificação dos peixes pelo qual haja uma preferência tão nítida de uns em detrimento de outros.

Nessa ordem de idéias, parece-me curiosa a ausência de alguns peixes que são bastante importantes no universo simbólico Waurá. A piranha, por exemplo, aparece em um mito importante e é considerada como tabu alimentar para as mulheres. O peixe *merexu* dos Bakairi, que é amplamente estudado por von den Steinen, também não é representado entre os zunidores, nos quais nunca aparece a figura do losango com as extremidades internas cheias, tão característica da arte ornamental alto-xinguana.

Apêndice Mitos (mencionados no texto)

Origem do pequi

Era uma vez um chefe chamado Arichulakumá que era casado com duas mulheres.

Vivia naquele tempo, no fundo da terra que fica debaixo de um rio, um ser sobrenatural com forma de jacaré, chamado Yekerre-Kumá.

O sol aconselhou o jacaré a seduzir as mulheres do chefe.

Quando as duas foram tomar banho no rio, sem a companhia do marido, o animal apareceu para elas, que de início ficaram muito assustadas, mas depois acabaram concordando plenamente com aquele namoro.

No dia seguinte, voltaram para o mesmo lugar, trazendo comida para oferecer a seu novo amante.

O marido não sabia nada do que estava acontecendo.

Uma ocasião em que ele se encontrava na roça plantando cabaças percebeu que uma paca tinha comido as plantações novas. Ficou bravo com o animal e dispunha-se a matá-lo, mas este pediu-lhe que lhe conservasse a vida em troca de uma reve-

lação muito importante. O chefe aceitou o trato e foi informado da traição de suas esposas.

Para verificar se tinha ouvido a verdade, foi sorrateiramente ao rio na hora em que as mulheres deveriam estar lá. E então, pôde ver com seus próprios olhos que a revelação fora verdadeira.

Com a intenção oculta de matar o jacaré, o chefe reuniu todo seu pessoal com o pretexto de realizar uma pescaria coletiva.

Quando todos estavam junto ao rio, Yekerre-Kumá apareceu para encontrar suas amantes. O povo atemorizou-se muito com aquela aparição. Apenas o chefe não experimentou aquele sentimento, porque nele a raiva era mais forte.

No momento em que o jacaré estava em pleno ato sexual, foi atingido pelas flechas disparadas pelas pessoas. Ele morreu ali mesmo.

As duas esposas infiéis levaram uma boa surra e foram expulsas de casa, passando dali por diante a viver fora da aldeia.

O jacaré foi enterrado e no lugar da sua sepultura nasceu um pé de pequi. Quando este floresceu e frutificou pela primeira vez, as pessoas acharam aqueles frutos estranhos, mas depois de prová-los verificaram o quanto são saborosos.

Desde então, quando o pequi começa a cair, fazem-se festas em honra dos animais que são considerados seus donos, entre os quais se encontram: o beija-flor, a baitaca, o "kiririo" (o grilo) e o zunidor, que, apesar de ser um objeto, tem para os Waurá características de um animal sobrenatural.

Karajá

Origem do boto

Diz que as mulheres traíam os maridos com jacaré. Os homens desconfiaram porque as mulheres sempre estavam diferentes quando chegaram do passeio nas praias. Aí diz que eles mandaram um rapaz de 8 - 10 anos para descobrir o que que era. O garoto começou a chorar, ameaçou a mãe com a flecha porque ela não queria levar ele. Aí a mãe concordou e prometeu que ele não ia contar nada. Aí diz que levaram ele lá. Quando chegaram elas começaram a se pintar. Em casa todas eram desarrumadas, sem pintura. Diz que quando estavam arrumadas elas gritavam, chamavam o jacarezão. Aí ele apareceu logo em seguida, saía da água com um bom bocado de peixe. Depois elas agarravam, uma botava ele no colo. Aí uma fazia pintura nele, outro enfeitava. De comida era tanta, comida gostosa, que os índios nunca pensava de existir. Esse rapaz que foi lá para ver levou uma flauta de bambu/ajuronna, masc. e fem. Diz que dentro desta flauta cada pedaço de comida colocava separado lá dentro. Aí diz que quando foi pequi mesmo os Karajá não conhecia.

Quando foi à tardezinha, elas voltaram atrás. Antes mesmo de chegar à terra firme, este garoto pulou da canoa e saiu correndo. Chegando, ele falou pro pai: "Pai, você não sabe o que está acontecendo". Aí pegou a flauta e partiu no meio, deu pros homens experimentar. Depois que eles experimentaram, contou que as mulheres tavam traindo com o jacaré.

Aí eles ficaram bravos que elas levavam comida para eles que não prestava. Aí diz que eles programou uma caçada.

Esta caçada ia durar uns 4 - 5 dias. Aí ele pegou e levou o garoto também junto. Aí chegando lá nesse local onde eles / provavelmente *elas* / encontravam com o jacaré, se enfeitaram de mulher. O garoto ensinava como elas chamavam com grito. Logo ele aparecia / apareceu / o jacaré. Eles combinou assim que um colocava ele em cima do colo, procurando piolho no cabelo dele. Logo que ele adormecesse ele pois ele no colo tirando a cabeça e colocando ele no chão. Aí diz que o outro veio com o machado e matou ele.

Eles pegou e levou ele por mato, no meio do cerrado. Depois estes homens eles mataram caça que não presta, que não se come, por vingança mesmo. Fez um churrasco desta caça e chegando lá ofereceu cada um para sua mulher. Aí, depois de elas comerem esta caça foi que os homens falaram assim:

– Que tá comendo carne de capivara, de pássaro, de urubu, de cigano.

Elas começou vomitar, cada uma começou a chorar. Eles falou assim:

– Vocês sabe por que nós fizemos isto?

Explicou porque estavam sendo traídos pelo jacaré. Então vem explicar que eles tinha matado o jacaré. Eles foi lá, no local / provavelmente *elas* foram lá / para ver se era verdade. Elas chegando lá, elas começaram a gritar, ele respondia, mas elas não sabia de onde vinha o grito. Elas choraram, elas voltaram para casa, elas se armaram de flecha, declararam guerra para os maridos. Os homens atiravam com a flecha com a vista virada para trás porque eles tinham dó de matar as mulheres. As mulheres o contrário, elas flechavam mesmo. Um só saiu correndo, o resto, meninos, tudo mataram.

Depois de matar tudo, as mulheres cortavam o seio esquerdo. Depois de cortar, elas colocaram um cuitê na cabeça, e caíram dentro d'água. Elas viraram boto. Depois que passou a existir boto. (Aytai, 1985: 8-9)

Segundo Aytai, "a história, à primeira vista, é um mito de origem relativamente simples, que conta a origem do boto, mas, analisando com mais atenção, revela vários aspectos interessantes. É surpreendente, por exemplo, o grande número de *justaposições ambivalentes* na história:

- a) As mulheres, em geral, traem os maridos: em vez de relações harmoniosas matrimoniais ouvimos infidelidade geral discordante;
- b) O menino, como mediador, trai sua própria mãe: amor filial contra a procura da verdade;
- c) As mulheres que receberam rica e selecionada comida de seu amante jacaré, levam comida que não presta para seus maridos: negligência desnecessária." (Aytai, 1985: 9).

O mito alto-xinguano da origem do pequi apresenta semelhanças notáveis com o mito da origem do boto entre os Karajá.

Assinalo aqui os principais pontos em comum entre os dois mitos:

1. as mulheres cometem adultério com um jacaré no mito alto-xinguano, está especificado que são as duas mulheres de um chefe, ao passo que entre os Karajá são mencionadas "mulheres" de uma maneira geral;
2. em ambos os mitos as mulheres gritam para chamar o amante (entre os Waurá os narradores se detêm longamente em imitar esse grito);
3. o adultério é presenciado por testemunhas (um rapaz no mito Karajá, um animal no mito Waurá);
4. as mulheres levam comida para agradar o amante;
5. a testemunha acusa as adúlteras;
6. as adúlteras são punidas;
7. o cadáver do jacaré dá origem ao pequi no mito alto-xinguano; no mito Karajá é o próprio jacaré que dá essa fruta de presente a suas amantes; em ambos, entretanto, a origem do pequi liga-se à figura do jacaré.

Mito do Bebê Chorão (Waurá)

Um homem chegou da pesca e quando ele, sua mulher e seu filho estavam almoçando, o menino começou a chorar, reclamando da pouca comida. Ele

pedia para si a parte que cabia à mãe, e tanto chorou e aborreceu que esta, zangada, arrastou-o para o meio de um caminho, oferecendo-o para Apasa (um ser sobrenatural) e para o Raposo.

Ali a criança foi abandonada e logo em seguida aqueles a quem ela tinha sido oferecida vieram buscá-la. Discutiram muito sobre qual dos dois ficaria com ela; o Raposo acabou ganhando e levou o menino para sua casa.

Depois de algum tempo, a mãe voltou para procurar seu filho, mas verificou que ele tinha desaparecido. Supôs que tivesse morrido, e então cortou o cabelo em sinal de luto.

Enquanto isso, o menino cresceu, sempre sob os cuidados do Raposo. Quando já estava moço, saiu um dia para caçar papagaio e foi se afastando de sua casa até chegar à aldeia onde tinha nascido.

Lá, viu uma moça muito bonita diante de uma casa e apresentou-se ela, dizendo que tinha crescido em casa do Raposo.

A moça lembrava-se do que tinha acontecido quando ele era criança.

Tencionando casar-se com ela, o rapaz levou-a para a casa do Raposo. Quando chegaram, o Raposo estava na casa dos homens, tocando flauta. A moça quis entrar lá para vê-lo tocar, mas não lhe deram permissão.

Acabando de tocar, o Raposo veio buscar comida, que levou para a casa dos homens.

O Raposo acabou se casando com a moça e o rapaz tornou-se amante dela.

Dali a algum tempo, ela deu à luz um menino. Julgando ser o pai da criança, o Raposo observou todas as regras de conduta que um homem deve seguir quando nasce seu primeiro filho: ficou em reclusão, observando dieta especial.

A mãe não permitiu ao Raposo aproximar-se do bebê nem olhá-lo de perto, mantendo-o afastado da criança.

Uma vez terminado o período de resguardo depois do parto, o Raposo saiu para pescar.

Depois de ter comido o peixe que a mulher lhe preparou, foi outra vez tocar flauta na casa dos homens, deixando a mulher e o bebê sozinhos em casa. O rapaz veio vê-los e notou que o recém nascido não tinha nenhuma semelhança com o Raposo: não tinha rabo, nem pelo e seus olhos e pés não eram os característicos da espécie. Portanto era ele próprio, e não o Raposo, o pai da criança.

A mulher incitou o rapaz a matar o Raposo: não queria ver seu filho criado por ele. O rapaz a princípio se opôs à idéia, pois afinal sentia-se grato pela educação que tinha recebido. Mas finalmente, terminou por se deixar convencer e matou o Raposo a flechadas.

Isto feito, apoderou-se da flauta e voltou para sua aldeia natal em companhia da mulher e da criança. Lá foi reconhecido por sua mãe e voltou a morar em sua antiga casa.

Depois de algum tempo a mulher adoeceu e morreu.

Pouco tempo depois o rapaz morreu também, pois não se acostumava mais em outro lugar; tinha morado muito tempo junto ao Raposo e não podia mais adaptar-se em sua antiga aldeia.

A Raposa e a pimenta

Um sobrinho da Raposa foi apanhar pimenta.

Como era de uma espécie muito ardida, ele morreu.

A Raposa foi procurar entre todos os tipos de pimenta qual tinha sido a responsável por aquela morte. Ia perguntando:

- Foi você que matou meu sobrinho?
- Não, respondeu uma.
- Foi você?
- Não, respondeu outra.
- Foi você?
- Fui eu, sim, respondeu uma pimenta comprida.

A Raposa estão descascou bastante esta pimenta para ela não arder tanto a ponto de matar quem a comesse.

O roubo do fogo

Antigamente os índios não conheciam o fogo; quando queriam assar peixe, esquentavam-no levando à axila, mas assim não ficava bom.

Somente a Raposa possuía fogo naquele tempo e o sol resolveu roubá-lo.

Para conseguir seu objetivo, Sol transformou-se em peixe *jeju* (tradução desconhecida) e Lua, seu irmão, adotou a forma de uma concha fluvial. Dessa maneira os dois entraram no covo que a Raposa usava para apanhar peixes. Pensando que já tinha boas presas, a Raposa foi buscá-las em sua canoa. Ia levando o fogo dentro de sua embarcação, pois tencionava comer os peixes imediatamente.

Uma vez colocado na fogueira, Sol, pulando muito, pegou uma palha de buriti, acendeu-a com o fogo da Raposa e levou a chama embora.

Esse fogo que o Sol roubou é o fogo verdadeiro. O fogo que a Raposa tem atualmente, não: é um fogo de mentira, que acende e depois apaga.

É graças ao roubo cometido pelo Sol que os índios agora podem assar o peixe de maneira eficaz.

O Morcego e sua sogra

A sogra do Morcego tinha uma vulva enorme, que chegava até os joelhos. Em busca de uma oportunidade para encontrá-la a sós, pois estava muito desejoso de ter relações sexuais com ela, o Morcego convidou-a para uma pescaria.

Ao anoitecer, os dois estavam longe da aldeia e armaram suas redes para dormir. Já noite escura, ouviu-se o rugido de uma onça.

A sogra ficou atemorizada e o Morcego, fingindo querer acalmá-la, mandou colocar sua rede mais perto da dele. E assim, cada vez que a onça rugia, a sogra ia colocando sua rede mais perto do Morcego, até que pode alcançá-la sem esforço. Era esta a oportunidade que ele esperava e aproveitou-a para ter as relações que queria com a sogra, o que fez repetidas vezes.

A sogra ficou muito brava com ele.

Em vista disso, o Morcego matou-a e cortou sua vulva, a qual amarrou ao próprio pescoço.

Depois foi a uma festa onde estavam várias aves, que ganharam de presente pedaços da vulva.

É por isso que até hoje elas têm aquela pelanca pendurada no pescoço.

Quando terminou a festa e o Morcego voltou para casa, contou à mulher que sua mãe tinha morrido, mas não disse nada a respeito das circunstâncias daquela morte.

Ela chorou e ficou muito triste. Logo chegou a descobrir quem era o culpado do acontecimento; quando estava tirando piolhos da cabeça de seu marido, viu manchas de sangue atrás de sua orelha e concluiu que aqueles eram os vestígios da morte violenta que o tratante tinha dado à sua mãe.

Bibliografia

AGOSTINHO, Pedro da Silva

Kwarup - mito e ritual no Alto Xingu - Editora Pedagógica Universitária - Editora da Universidade de São Paulo - São Paulo, 1974.

AYTAI, Desidério

Hawakati conta a história do boto - Publicações do Museu Histórico de Paulínia, nº 28: 6-15 - Paulínia, junho de 1985.

Da caderneta de campo do antropólogo: aventuras e surpresas com o zunidor. Publicações do Museu Municipal de Paulínia, nº 41: 52-65 - Paulínia, 1989 (a)

Da caderneta de campo do antropólogo: do zunidor - mais uma vez - Publicações do Museu Histórico de Paulínia, nº 80-87, Paulínia, 1989 (b).

COELHO, Vera Penteadó

Informações sobre um instrumento musical dos índios Waurá. In Textos de etnologia em homenagem ao Prof. Dr. Desidério Aytai. Revista do Museu Paulista. Vol. XXXIII: 193-224. São Paulo, 1988.

Die Waurá - Mythen und Zeichnungen eines brasilianischen Indianerstammes. Gustav Kiepenheuer Verlag, Leipzig und Weimar, 1986.

GREGOR, Thomas

Anxious Pleasures - The sexual lives of an Amazonia People. The University of Chicago Press. Chicago and London, 1985.

Agradecimentos

A Dra. Thekla Hartmann e o Dr. Desidério Aytai leram versões preliminares deste trabalho e fizeram excelentes correções e úteis sugestões a ele. O Dr. Mark Münzel comunicou-me importantes dados inéditos a respeito da iconografia das figuras que aparecem no zunidor. Os índios Waurá permitiram-me o acesso a cerimônias a que normalmente as mulheres não assistem; foram sempre pacientes com minha pesquisa e muito dedicados no fornecimento das informações que são a base desse artigo. A todas estas pessoas quero deixar os mais sinceros agradecimentos, ressaltando que sou a única responsável pelas omissões e falhas aqui contidas.

HORNOSTEL, Erich M. & SACHS, Curt

Classification of musical instruments - Translated from the original German by Anthony Baines and Klaus P. Wachsman. The Galpin Society Journal. An occasional publication, number XIV, march 1961.

Izikowitz, KARL GUSTAV

Musical and other sound instruments of the South Americans Indians - a comparative ethnographical study. Elanders Boktryckeri - Göteborg, 1935.

SCHULTZ, Harald

Lendas Waurá - Revista do Museu Paulista, n. s., vol. XVI: 22-149 - São Paulo - 1964.

SPERBER, Dan

Pourquoi les animaux parfaits, les hybrides et les monstres sont-ils bons à penser symboliquement? L'Homme, XV (2) 5-32 - avril-juin 1975.

TRAVASSOS, Elizabeth

Glossário dos Instrumentos Musicais Indígenas, In Suma Etnológica Brasileira, volume 3 - Coordenação Berta G. Ribeiro - Editora Vozes Finep - Petrópolis, 1986.

WASSÉN, S. Henry

Apuntes sobre grupos meridionales de indígenas Chocó en Colombia - Bogotá, 1988.

ZERRIES, Otto

The bull - roarer among South American Indians. Revista do Museu Paulista, n.s., vol VII: 275-309 - São Paulo, 1953.

Resumé

Lorsque la saison des pluies commence dans le Haut Xingu, on célèbre les fêtes du pequi. Dans cet article, on en donne une description dans le village Waurá. Elles ont, pour la plupart, un caractère comique; les participants mimant ou s'en moquant à haute voix les affaires extra-conjugales du village. Tantôt ces fêtes mettent hommes et femmes en opposition, tantôt elles les mettent en situation de collaboration et d'amitié. Les animaux qui sont "maîtres" du pequi gardent des liens avec le désordre, la saleté, la liberté sexuelle et l'obscurité qui sont les caractéristiques des mois de pluie.

Summary

At the beginning of the rainy season on the Upper Xingu the pequi feasts are celebrated. In the present article they are described as they happened in the Waurá village. These feasts sometimes put the men in opposition to the women, sometimes show men and women in situation of collaboration and friendship. The animal that are considered "masters" of the pequi are related to disorder, dirtiness, sexual anarchy and darkness; those are the main characteristics of the rainy months.